

A guerrilha colombiana, um problema de todos¹

*José Fernando de Maya Pedrosa**

A guerrilha colombiana tem implicações no Brasil como fator de desequilíbrio na Amazônia, cuja segurança nos preocupa. Os paramilitares, grupo irregular que a ela se contrapõe, têm complicado a situação, pois que também disputa soberania com o Estado colombiano.

A Colômbia é uma demonstração dos horrores que a ausência do Estado pode promover nos confrontos armados internos.

Na presente conjuntura, cresce a importância política da Colômbia como fator de contenção da nova onda de socialismo na América Latina. A Venezuela por outro lado ainda pode ser motivo de agravamento da guerrilha colombiana.

Na realidade, o Estado colombiano convive com uma “soberania cindida” nas áreas onde não está presente: alto nível de criminalidade, insegurança geral, enfraquecimento do aparato governamental, elevadas despesas públicas com a repressão, baixo moral nacional, desprestígio do Estado, divisionismo ideológico. Enfim, situação que existe porque o Estado o permitiu por omissão e porque o aparato administrativo legal já não pode atuar nas áreas dominadas.

A guerrilha colombiana é a opção pela violência como solução de problemas sociais, idéia

que moveu as esquerdas na América Latina na concepção revolucionária do período da Guerra Fria. Assinala-se aí a influência das revoluções cubana (1959) e nicaragüense (1979), mostrando que a luta armada para a conquista do poder era viável com o apoio estrangeiro próximo.

Dentro dos manuais de guerrilha, inclusive o de Guevara, o levante revolucionário devia ocorrer nos vazios territoriais e institucionais, onde houvesse conflitos agrários e de onde se pudesse marchar contra o centro político. Aí seria imposto por um “exército de libertação popular” e o socialismo modelo cubano. Esta foi a grande direção estratégica da guerrilha colombiana.

Apesar de todas as contradições, a Colômbia tem tradições democráticas. Além disto, o conflito não envolve aspiração de classe social alguma, embora a ideologia dos guerrilheiros seja fundamentada no marxismo-leninismo. Há forças a eles contrárias nos sindicatos e movimentos sociais expressivos. As populações das áreas ocupadas pela guerrilha a ela se subordinam pelo medo e coação, enquanto a esquerda universitária lhe oferece discreto apoio intelectual.

Convém assinalar que as Farc – Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia – têm

¹ Colaboração do autor. Transcrição da Revista do Clube Militar.

* O autor é Coronel de Infantaria e de Estado-Maior, historiador e sócio efetivo do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil – IGHMB.

origem no Partido Comunista Colombiano, o velho PCC, ainda na década de 1940.

A partir de 1958, o movimento guerrilheiro organizou-se em termos de domínio regional e de “frentes” sob comando unificado, seguindo uma tendência de libertar-se do PCC. Localizou-se nas regiões de fronteira com o Brasil, Venezuela, Peru e Equador com o objetivo de conseguir uma dimensão internacional, de receber os suprimentos de que necessitava e, ultimamente, de assegurar o tráfico de drogas para o exterior. A guerrilha sofreu notáveis reveses numa campanha militar desenvolvida pelo governo, mas ganhou experiência que foi copiada pelo ELN – Exército de Libertação Nacional, outro grupo revolucionário com semelhantes histórico e métodos. Houve períodos de trégua e de negociações com resultados medíocres. A guerrilha sofreu acentuada metamorfose com os recursos provindos do narcotráfico que permitiram seu crescimento em grande escala e a ampliação de suas áreas liberadas.

No período da Guerra Fria, a guerrilha estava inserida na confrontação ideológica mundial; hoje está no contexto da guerra contra o tráfico de drogas.

A decisão de se unir ao narcotráfico foi tomada pelas Farc, em 1982, sob o argumento de que a guerrilha necessitava de recursos para conseguir seus fins políticos e ideológicos. Na situação criada pela sua junção ao narcotráfico, elevaram-se também os índices de criminalidade pela ausência da autoridade ou de sua reconhecida ineficiência. Essa situação deu motivo aos entendimentos da Colômbia com os Estados Unidos para o combate ao narcotráfico.

Os estudiosos colombianos acham que as ligações das Farc com o tráfico não configuram propriamente uma “narcoguerrilha”. Mas há uma tendência de serem associados – guer-

rilha e narcotráfico – no mesmo “pacote”, especialmente depois que a guerrilha plantou coca, preparou e transportou cocaína até os narcotraficantes. A idéia da “narcoguerrilha” parece coerente com o espírito pragmático norte-americano. O fim da Guerra Fria vem subtraindo o valor político das guerrilhas que hoje ainda permanecem inspiradas nos tempos da expansão do socialismo marxista no continente.

A guerrilha vem praticando ultimamente atos terroristas fora de suas áreas liberadas. Acredita-se que isto é apenas uma forma de romper o impasse da estabilização do conflito. Contudo, as ligações entre a guerrilha e algumas organizações terroristas, sobretudo o IRA, são argumentos recentes para classificá-la como inimiga da civilização.

A guerra contra as drogas na Colômbia inclui a destruição das fontes produtoras da coca por desfolhantes gerando desemprego e prejuízos ao meio ambiente. É uma ação que termina por erodir a popularidade do governo e aumentar a da guerrilha.

O impasse atual deste conflito levará, cedo ou tarde, a um “ponto de inflexão”, ou seja, à expectativa de uma solução entre o governo, a guerrilha, porque ambos não têm condições de sobrepujar o oponente.

Este “ponto de inflexão” expressa a possibilidade de sucesso da política do atual Presidente reeleito Álvaro Uribe, induzindo a guerrilha e os paramilitares a negociarem um acordo de paz mediante pressão militar.

A internacionalização do conflito colombiano ocorreu depois da Revolução Cubana (1960), quando a guerrilha recebeu apoio explícito de Havana. Entretanto, depois da Guerra Fria, o conflito retornou ao seu modelo autônomo, com acentuada tendência para captação de recursos internos. A internacionalização ressurgiu quando os Estados Unidos

empreenderam ações policiais e até militares na execução do Plano Colômbia elaborado por autoridades colombianas e norte-americanas, em 1998. Objetivo, combater o narcotráfico e, posteriormente, o terrorismo. Não houve o reconhecimento inicial do governo norte-americano de que combateria diretamente os guerrilheiros, mas logo reconheceriam que não havia diferenças entre a guerrilha, narcotráfico e terrorismo, especialmente depois do 11 de setembro de 2001.

Observa-se que os recursos dos Estados Unidos naquele Plano (sempre crescentes) são prioritariamente para as Forças Armadas e policiais. A tendência é apoiar as Forças Armadas colombianas em equipamento, assessoria militar e treinamento das unidades combatentes, com vistas ao enfrentamento direto da guerrilha.

O Plano Colômbia aprofundava o conceito de “terrorismo inimigo da humanidade”. Isto teve conseqüências para a Colômbia: doravante o Estado reconhecia tacitamente a internacionalização do conflito. Confirmação de que um país internamente dividido e carente de soberania interna fica vulnerável ao estrangeiro e de alguma forma dependente de sua vontade. Além disso, o possível emprego de tropa norte-americana na Colômbia internacionalizaria mais ainda o conflito, podendo estendê-lo aos países vizinhos, entre eles o Brasil. Tudo isso numa das áreas estratégicas do continente: a Amazônia. Possivelmente os países latino-americanos não veriam com bons olhos esta forma de intervencionismo e não apoiariam uma força de intervenção militar internacional da ONU ou OEA na Colômbia, numa escalada de operações militares efetivas.

Outra tendência na Colômbia envolve os países vizinhos no sentido de levá-los a uma maior colaboração internacional no combate ao narcotráfico e ao terrorismo, o que pode acabar

forçando o Brasil a participar daquele conflito, mesmo que apenas em seu próprio território.

A propósito, no recente livro publicado pela BIBLIEX, *Uma Democracia Sitiada*, seu autor Eduardo Leongómez afirma que o Presidente venezuelano Hugo Chávez apóia a guerrilha colombiana, o que envolve alto nível de agravamento deste conflito.

O encontro do narcotráfico com o terrorismo e a guerrilha é assunto novo que interessa de perto a todos nós. A criminalidade passou a ter pontos de encontro com a segurança nacional, fato inédito na história. Não se garante que o Brasil não possa viver uma situação semelhante. É indispensável que os responsáveis diretos e indiretos pelos destinos do País tenham consciência de que não se podem permitir lapsos na presença e ação do Estado. Em nosso País, tal consciência é altamente desenvolvida nas Forças Armadas. Mas falta uma consciência geral mais apurada desse problema, sobretudo entre os intelectuais e políticos que, estranhamente, pouco se referem a ele ou que associam as insurgências apenas à demanda de justiça social.

Este pode ser um julgamento severo, mas penso que deixamos de lado a abordagem dos problemas concretos que envolvem questões de segurança. Exemplo: a junção da criminalidade com a ideologia, ou a radicalização dos movimentos sociais.

O interesse recente dos Estados Unidos na questão colombiana, da forma em que se transformou em Plano Colômbia, ampliou as projeções da questão colombiana no Brasil, por motivos óbvios de proximidade, relacionamento com a vizinhança e preocupação diante da presença de uma potência mundial na região amazônica, cujos desdobramentos ainda não se podem prever.

Há, no entanto, fundadas razões para se temer no Brasil semelhante ocorrência, vejamos

a insegurança promovida pelo narcotráfico no Rio de Janeiro com todas as projeções na vida nacional, uma delas o desprestígio do Estado, os prejuízos à vida e à economia do povo, os lapsos do poder em áreas onde o crime organizado domina.

Apesar das amenidades do panorama brasileiro quando comparado ao da Colômbia, não estamos livres de alguns rebarbativos do narcotráfico. E um deles é a notável indução do governo dos Estados Unidos para que as instituições militares latino-americanas adotem doutrinas para o novo desafio do terrorismo global e do combate ao tráfico e uso de drogas. Mas, por outro lado, por mais que se considere o problema fora da competência militar, não se pode deixar de pensar numa forma de colaboração das Forças Armadas, pelo menos no que se refere ao terrorismo.

Considere-se que o terrorismo é lastreado por ideologias, tanto da extrema revolucionária como dos grupos mais conservadores, e isso interessa à segurança nacional.

A situação da Colômbia deve preocupar os que se interessam pela segurança e pelo relacionamento do Brasil, especialmente no que se refere à internacionalização de seu conflito. Apesar das esperanças de uma saída para o

impasse atual, a situação de autêntica calamidade que o povo colombiano vive desde 1946 sugere que o Estado lá fracassou em seu papel histórico e constitucional.

A junção da guerrilha com o narcotráfico e o terrorismo internacionalizou o conflito, o que afeta a segurança da nossa fronteira noroeste e exige atitude política e militar do governo brasileiro. Além disto, a situação da Colômbia lembra os riscos que representa a existência do narcotráfico no Brasil.

Finalmente, convém lembrar a certeza de nossas razões quando demos aqui combate à guerrilha e ao terrorismo entre 1968 e 1975 e garantimos nosso futuro democrático.

Para colocar um ponto final neste texto, eis o conceito de um colombiano ilustre, Eduardo Pizarro Leongómez:

– Nascida no clamor da Revolução Cubana e inspirada pelo exemplo de Che Guevara, a guerrilha foi para milhares de jovens uma aposta [revolucionária] de libertação do país das misérias do subdesenvolvimento; quatro décadas mais tarde, contudo, o balanço a ser feito é extremamente negativo: a luta armada, que foi um sonho para milhares de colombianos, converteu-se hoje num dos piores legados para nossa sociedade. ●



BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA

Coleção General Benício

Geopolítica e o Futuro do Brasil

Carlos Patricio Freitas Pereira

O ensaio considera a situação da Amazônia e do Pantanal ante a globalização, a necessidade de "integrar, ocupar, explorar e preservar" as regiões.